

COMBATE À MALÁRIA

O Brasil registra anualmente cerca de 500 mil casos de malária, o maior número no continente americano e o terceiro no mundo. Desse total, 95% ocorrem na região amazônica e 48% são malignos.

Tentando reduzir esse total, está sendo testado no país o Arteflene, que poderá ser uma nova arma contra a malária maligna. Os exames já estão na fase final, sendo realizados em seres humanos.

O estudo é coordenado pelo médico e farmacêutico José Maria de Souza, pesquisador do Instituto Evandro Chagas, em Marabá (PA), que trabalha com a doença há 25 anos. As pesquisas estão sendo feitas em conjunto com o grupo farmacêutico suíço Hoffmann-La Roche, que patenteou a substância.

A malária maligna é causada pelo protozoário *Plasmodium falciparum*, transmitido para o ser humano pela picada de mosquitos *anopheles*. Esta forma da doença pode ser curada se for descoberta e tratada até o quinto dia depois de contraída. A mefloquina e o halofantrini, medicamentos mais usados para o tratamento da malária maligna, já não são totalmente eficazes. O parasita se tornou resistente à mefloquina e o halofantrini pode causar paradas cardíacas.

ESTERILIZAÇÃO LEGAL

O município de São Leopoldo (RGS) implantou em janeiro o programa oficial de esterilização de mulheres, que prevê 20 operações de laqueadura de trompas por mês, custeadas pela prefeitura. A cidade é a primeira do estado a ter tal programa.

Poderão participar mulheres com mais de 35 anos de idade, quatro filhos no mínimo, que provem ter renda mensal menor do que quatro salários mínimos e residência no município há pelo menos cinco anos. As interessadas devem assinar também autorização para a cirurgia.

A lei municipal prevê também distribuição de preservativos, anticoncepcionais e DIUs (dispositivos intra-uterinos) para quem não tenha condições de comprá-los.

REINTEGRAÇÃO PELO TRABALHO

Um grupo de 35 meninos e meninas carentes do Rio de Janeiro estava participando na primeira semana de janeiro do Programa Brahma/Petrobrás de Apoio ao Menor, que visa conseguir emprego para adolescentes entre 13 e 17 anos e retirá-los das ruas da cidade.

Eles trabalham quatro horas diárias em 12 postos de gasolina do Rio, recebendo meio salário-mínimo e vale transporte, além de gorjetas. Fazem a calibragem de pneus e outras pequenas tarefas nos postos, além de cuidar dos *containers* mantidos pela cervejaria para recolher material reciclável. Os adolescentes são escolhidos pela 2ª Vara de Me-



nores do Rio. Por serem infratores, alguns acabam não se adaptando ao serviço, alterando o número dos que participam do programa.

Emerson Correia da Silva, de 18 anos, foi contratado em novembro por um posto BR, recebendo salário de R\$ 210, após o período de estágio de quase um ano. Ele foi indicado pela ONG Cruzada do Menor na primeira fase do projeto.

O programa também está ocorrendo em Belo Horizonte, onde 13 postos de gasolina empregam um adolescente carente cada. Até o final do primeiro trimestre de 1995, sete postos em Juiz de Fora (MG) deverão oferecer estágios para outros 14 adolescentes. Contatos estão sendo mantidos pela BR em Vitória (ES) para que o projeto possa ser expandido para a capital capixaba.

INVESTIMENTOS EM EDUCAÇÃO

Uma pesquisa das entidades norte-americanas *International Assessment of Educational Progress* e *Educational Testing Service*, indica que o Brasil investe pouco em educação, causando um baixo rendimento escolar dos alunos.

As organizações fizeram uma análise sobre os investimentos educacionais de 20 países e o desempenho dos alunos em matemática e ciências. No Brasil, foram escolhidos os estudantes das cidades de São Paulo e Fortaleza.

Na lista das 20 nações, o Brasil ocupa o penúltimo lugar em relação ao desempenho dos alunos em matemática, à frente apenas de Moçambique. Três nações asiáticas lideram a relação: China, Coreia do Sul e Formosa. Os estudantes norte-americanos ficaram com a 16ª média.

Na lista do percentual do PIB (Produto Interno Bruto) destinado à educação, o Brasil ficou em 17º lugar, com 3,3%. A China tem a pior relação (2,7%), comprovando que recursos insuficientes, se bem aplicados, podem trazer bons resultados.

Entre os 20 países analisados, Israel é o que investe a maior parcela do PIB em educação (10,2%), seguido dos Estados Unidos (7,5%), Canadá (7,4%), Jordânia (7,1%) e a ex-União Soviética (7%).

AVANÇO DA MEDICINA

O uso de um aparelho que elimina pedras dos rins através do bombardeio de ondas de choque, vem permitindo que cerca de dez pacientes com problemas renais sejam atendidos diariamente no Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). As ondas explodem os cálculos, cujos fragmentos são liberados pela urina. O tratamento dispensa anestesia e internação.

Antes da instalação da máquina, em meados de 1993, apenas duas pessoas com cólicas renais podiam ser atendidas a cada semana. Hoje, a fila de espera para atendimento no hospital é de três meses. Antes do aparelho, chegava a um ano.

Segundo o professor Anuar Ibraim Mitre, cerca de 15% da população têm cólica renal pelo menos uma vez na vida. A dor é descrita como uma das mais fortes sentidas pelo ser humano, mais intensa mesmo que as dores de parto. O HC e o hospital da USP em Ribeirão Preto são as únicas unidades hospitalares públicas no Brasil que têm o aparelho.



ALERTA CONTRA TUBERCULOSE

Técnicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) alertam que 30 milhões de pessoas deverão falecer nos próximos dez anos devido à tuberculose. A situação é resultado do uso impróprio dos medicamentos contra a doença, o que causou o aparecimento de formas resistentes aos remédios. Segundo a entidade, existe uma necessidade urgente de se desenvolver novas drogas que combatam a enfermidade.

Em novembro de 1944, uma norte-americana de 21 anos com a doença em estágio avançado nos dois pulmões tomou a primeira injeção antituberculose, à base de estreptomina. A partir daí, o uso em larga escala da substância reduziu os casos da doença nos países desenvolvidos.

No Terceiro Mundo, a negligência dos governos causou a média de 3 milhões de pessoas mortas ao ano e fez com que a tuberculose voltasse às nações do Primeiro Mundo. "A doença está crescendo em velocidade impressionante e oferece perigo maior, pois não temos remédios eficazes como há 50 anos", diz o gerente do programa de tuberculose da OMS, Arata Kochi.

COLETA SELETIVA

Aproveitando a grande presença de turistas nos meses de verão no litoral do Paraná, o governo do estado lançou em 7 de janeiro o programa Eco Verão 95, que procura incentivar a separação do lixo reciclável nos municípios costeiros. Pesquisa realizada pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente revelou que 840 toneladas de lixo são produzidas diariamente nos municípios do litoral paranaense.

O projeto é idêntico ao programa Lixo que não é Lixo, lançado em Curitiba pelo então prefeito e atual governador Jaime Lerner. Para a separação do lixo reciclável (resíduos de vidro, plástico, alumínio e papel) estão sendo instalados cestos especiais em todas as praias. Catadores irão recolher detritos deixados na areia.

PROCESSO AMBIENTAL

Um grupo de 30 mil índios equatorianos está com uma ação na Justiça de Nova Iorque exigindo que a Texaco pague uma indenização de US\$ 1 bilhão por prejuízos causados pela poluição emitida pela companhia petrolífera.

Segundo os advogados das comunidades indígenas, a empresa teria despejado milhões de litros de efluentes tóxicos em rios e em solos da região amazônica equatoriana. Conforme a petição, a multinacional não teria utilizado os meios tecnológicos apropriados nas perfurações de petróleo no Equador. A atuação da empresa também teria aumentado "o risco de ocorrência de casos de câncer em dezenas de milhares de habitantes do país".

A Texaco planeja usar o argumento de que teve que se submeter em 1988 à lei de falências dos Estados Unidos, procurando assim não ter que arcar com os prejuízos causados no Equador. É um "clássico exemplo de uma empresa multinacional que extrai enormes benefícios de um país subdesenvolvido e depois tenta manipular a lei para evitar responsabilidades", afirma o advogado dos índios, Steven Donzinger.

